

Arquivo "E. LEWENROTH"
FICHA/UNICAMP
n.º também
classif.

A Natureza engendrou o direito de comunidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade.
Santo Ambrósio

A PLEBE

O dragão que está à entrada do palácio anarquico nada tem de terrível: é uma palavra apenas!
Eisée Reclus

Toda a correspondência e valores ao administrador
CECILIO MARTINS

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO
Séde: LAZEIRA PORTO GERAL, 9

ASSINATURAS: Anos . . . 10\$000 Número avulso
Semestre, 5\$000 100 réis
FACOTES: Cada 12 exemplares, 1\$000

Os argumentos

eram os mais fortes argumentos que os tímidos e acomodaticios opunham à propaganda republicana no tempo do Império: 1.º — que nenhuma republica poderia ter presidentes mais magnânicos e mais liberais do que D. Pedro II e sua sucessora; 2.º — que o povo não estava preparado para um regimen de liberdade, como diziam ser o republicano. Quanto ao primeiro argumento os presidentes da Republica Brasileira se encarregaram de justificá-lo. Nenhum autocrata do mundo tem ou teve alma mais tirânica do que o perfumado rei Epitácio.

D. Pedro II seria ao lado dele um moderado presidente de República, com o seu "japiz fatidico" e todas as suas manias de sabão por aclamação dos sulcos.

Apesar da declaração do ex-Imperador, que passou cincoenta anos suportando maus governos; apesar de reinar somente, na formula constitucional, embora sempre governando; apesar de exercer o "poder pessoal" como diziam abertamente os joposelhistas parlamentares, descobrindo a coroa; nunca o governo do segundo reinado foi tão tirânico, ditatorial e absoluto, violento e conculcador das liberdades, como o têm sido todos os governos da Republica. Mas esse poder descrecionista está na propria Constituição: está no direito de decretar os estados de sitio, na suspensão das proprias garantias...

O presidente é o arbitro supremo e dá irrevogáveis e absolutas sentenças a respeito de todas as questões politicas, partidarias, financeiras, jurídicas e sociais... nos dous primeiros anos do quadriênio. E' obedecido servilmente: faz e desfaz presidentes ou governadores dos Estados, resolve "sabidamente" as questões de limites, é um benemerito da patria, um candidato ao Panteon... se já não estiver na Academia de Letras. Passam-se os dous anos, o sol declina e então para manter-se e continuar a governar a seu talante lança mão das maiores violencias — desde as arbitrariedades policiaes até o estado de sitio.

Por esta rapida exposiçào de que são e têm sido os governos da Republica, verifica-se que, o povo nada lucrou com a mudança da forma de governo, a que assistiu indifferente ou "betralizado", porque a felicidade, a liberdade e o pleno gozo da vida jamais foram ou serão resultantes das formas de governo, que sempre constituíram formas de opposiçào, tomem os nomes que tomarem.

O Brasil teria chegado a este atual progresso material ou talvez a um maior desenvolvimento industrial, comercial e mercantil, com possível menor rebalxamento moral na governança; se qualquer Pedro, constitucional, o tivesse governado com mais cincoenta anos de maus governos, possivelmente menos maus do que os republicanos dos trinta anos passados.

Nenhum Pedro ou Isabel excederia, em concussão, em desbarato dos dinheiros publicos, em excessos de autoridade contra as liberdades publicas e os direitos do cidadão ao atual restante, El-rei, nosso Senhor, e á familia real.

Tinham razão os tímidos, os conservadores, os acomodaticios. Que lucrámos com a Republica? Cairnos no dominio do absolutismo, dos infinitos "deficits" orçamentarios, dos "fundings-loans", da miseria por toda a parte, miseria, moral e miseria fisiologica e organica.

O segundo argumento ainda é o mesmo empregado para assustar os indecisos em relação a uma organização social, futura, de absoluta liberdade, de perfeita solidariedade.

O povo não está preparado para tais franquias morais; ha necessidade de educá-lo, guil-o, orientá-lo.

São falas hipocritas dos gosadores. Então quem está preparado para heroticamente sofrer a canga, caiejar o cerviz sob o jugo pesadissimo das injustiças sociais, não estará em condições de bem gozar a liberdade? Quem sempre viveu

privado de um bem, de que é prodiga a Natureza, melhor o aprecia quando o alcança. Não ha escolas para a felicidade ou para a liberdade. A liberdade, como a felicidade, goza-se não se aprende nos livros, nas escolas, nem nas academias.

O povo que, resignado e pacientemente, vai sustentando o regimen odioso da iniquidade sobre os seus hombros titânicos; que vive sob a pressão esmagadora da injustiça, não saberá viver bem o gozar, num regimen de igualdade, de justiça e de amor?

A educação tendenciosa que lhe subministra, a instrução homeopatica que lhe fornecem, no receio de bem esclarecê-lo sobre sua aviltante condiçào, nunca chegarão para libertá-lo da escravidão.

Assim manhosamente, apelando para a instrução que lhe dão ás misgalhas, e para a educação que lhe recusam, supõem protelar sua emancipação, certos de que, nas escolas officiais, o fetichismo dos símbolos, das bandeiras, dos hinos, adormecerá os ímpetos de revolta. Enganam-se. Os revoltados não vão buscar justiça

superiores, em que se faz crer na superioridade de uns sobre outros e na divisão das castas e da superioridade de certas raças.

Os politicos fazem pactos com a cabeça e a inteligência do povo, com o coração e o instinto.

FABIO LIZ
RIO, 20 de Dezembro de 1920.

Em que paiz estamos?

O que se está passando com os trabalhadores da Docas é inaudito. Ante a paciência e a covardia do povo e ante o aplauso das classes conservadoras consuma-se uma infâmica clamorosa. Diz-se que vivemos num paiz cristão, que somos um povo civilizado, que o Brasil é a patria da liberdade. Mas de mais algumas mentiras convencionais, a grande porta copercial de Santos, uma das urbs mais populosas e em contacto com o exterior, seis mil trabalhadores estão sendo vilmas de uma série de hostilidades que causam espanto aos netentidos.

Numerosas familias são expulsas das indecentes mansardas da Docas e os seus

Estamos num paiz civilizado. Isto não admira, porque nos paizes incultos as barbaridades tem sido de ordinario praticadas pelos especulacionarios das nações progressistas que iam levar aos aborigenes os beneficios da civilização.

É desta forma edificante, lapidar, que a Companhia Docas, o alto comercio e o patriótico governo desta maravilhosa Republica, pagam os esforços de seis mil produtores que se sacrificam, exgotando a sua vitalidade no trabalho e passando vicissitudes de cão o povo se ha de envergonhar de viver numa terra na qual em pleno seculo XX se caçam os homens a laço.

O que sabemos é que os apóstolos desta sociedade cristã e republicana, hão de continuar a fazer ouvidos moucos a todas as injustiças, a todas as violencias, a todos os clamores das victimas, aplaudindo com o seu silencio a moderna inquisição instituida pelo Capitalismo.

Apesar de tudo, os trabalhadores santistas não serão vencidos. Eles demonstrarão com sobejas provas de abnegação, que estão dispostos a não mais trabalhar ao serviço da Docas, se esta não capitular incondicionalmente.

Eles estão decididos a sofrer todas as tempestades da luta e a vencer.

E como este movimento merece pelo seu espirito de justiça e pelo seu alcance social, afetando os interesses, direitos e a dignidade de todos os oprimidos, de todos os que se sentem impellidos contra a iniquidade, é de premente necessidade, que todos lhe prestemos a nossa solidariedade, afirm de que a arrogancia de Gaiúle e da sua comandita de perversos vampiros não consiga calcetar aos pés a dignidade dos trabalhadores.

Afirmo-se alto e bom som, que o trabalhador é a alavanca do progresso, da vida, do bem estar do paiz, da grandeza da patria.

rigentes, os pró-homens da Nação rompem essa alavanca, e suppliciam a classe trabalhador, de uma forma desapiedada que faz tremer de indignação.

Não sabemos se eternamente estaremos a prégar no deserto.

Não sabemos se, finalmente, seja calcada aos pés, intrepidamente pelos trabalhadores santistas, produzindo com o seu heroismo uma nova pagina de gloria na historia des reivindicções do proletariado libertador.

Florentino de Carvalho.



Ferocidade democratica

Acorrentados pela ignorancia e pelos preconceitos sociais, o operariado suporta passivamente o peso de toda a engrenagem de compressão de que está revestida a republica democratica, ao serviço do capitalismo imperiaalista que tanto oprime como degrada.

cativas para sua revolta no alfabeto e nos livros que lhes impinge o Estado.

A revolta vem do sentimento, do instinto, do instinto de socialização, da sede viva de justiça e equidade e da necessidade de ser feliz ao lado de felizes.

Para uma revolução politica, para a mudança das constituições, para reorganização de governos e concepções de leis escritas, tudo depende da cabeça. Para protestar, revoltar-se, e reivindicar direitos naturais conspurcados, e aspirar á felicidade geral e á igualdade solidaria, o que é o coração, é o amor da humanidade, e a esperança num futuro de paz absoluta e de liberdade integral.

Para isso, para essa educação, basta a observação dos acontecimentos sociais, e os mais argutos para lhes tirarem as ilações e se sentirem revoltados, não são os letrados, os que frequentaram as escolas em que se ensina o temor de Deus, em que se préga a subordinação nos

trastes atirados á rua. E não estamos no Congo.

A Empresa do porto já vem sujeitando os trabalhadores a um mez de fome, procurando submetel-os com esse castigo infame.

E não estamos em Barbados... A policia, os mantenedores da ordem arrombam portas, estragam móveis, atropelam mulheres e crianças e dão caça aos homens como quem caça onça nos sertões.

E não estamos na Abissínia! As prisões regoritam de homens pacatos, trabalhadores indefesos, que são modelos de honestidade. E não estamos num paiz negroiro.

Como corolario deste vandalismo, os operarios são atacados pelos esbirros que nas ambulancias e automoveis os perseguem e, os caçam a laço!!!

E não estamos na Rússia dos Romanoff. Estamos num paiz que tem por divisa Ordem e Progresso.

Caçados a laço!...

Estamos no paiz das surpresas inéditas e dos atos canhalhas e abomináveis. Estamos no paiz das façanhas vergonhosas e das proezas barbaras e achincalhantes. E' fato comum o laço para pegar cachorro na rua; tambem os gau'chos caçam os touros bravos, no campo, a laço, no que são meritos. Que se continuasse, pois, a caçar cachorros vadios, nas ruas, e fêmeas bravas, no mato, era natural, admittia-se. Caçar, porém, homens, é a mais vil das infâmias!...

tas proletarias, a perseguição é tão aviltante e clamorosa, o processo de que se revestiu é tão baixo, grosseiro e vil que quereíamos ter pena de fogo para gravar em letras fundas e indelevels a palavra: INFAMES! nas frentes desses comparsas do Ibraim que se prestam a tão repelentes, asquerosas e infames tarefas!

O fato é tão bandalho, absurdo e revoltante que até burguezes que ainda têm com o interesse e a avareza da potente e toda soberana Docas, foram protestar aos jornais contra semelhante escandaio e degradação! Na sua qualidade de homens sentiram-se rebalzados, observando tais fatos!

Muito se enganam os esbirros. Pensam degradar os operarios, mas eles é que ficam degradados e deshonrados. Os operarios são victimas dos atropelos da força desatinada dos poderosos e dos velhacos. Mas têm a consolação íntima de cumprir com os seus deveres. A justiça da sua causa dá-lhes o interno contentamento e demonstrar-lhes a injustiça de que são victimas, purifica-os o sofrimento e haurem novas energias para novas e mais potentes lutas.

Avante, companheiros!

DEMOCRPTO

Grande reunião libertaria

O Centro Libertario de S. Paulo convida para a reunião que terá logar domingo, 26 do corrente, ás 7 horas da noite, á rua Joly, n. 125, a todos os libertarios de S. Paulo e especialmente os grupos seguintes:

Grupo "Neno Vasco", Grupo "Os Revoltados", Grupo editor d' "A Plebe", Centro Cultura Social, Centro Editor Juventude do Futuro e todos os demais grupos existentes em S. Paulo.

Nesta reunião serão discutidos temas de atualidade como sejam:

- 1.º - A imprensa operaria e a imprensa anarquista;
- 2.º - Como intensificar a imprensa libertaria de S. Paulo;
- 3.º - Continuação da discussão iniciada na ultima reunião do Centro Libertario sobre ANARQUISMO e MAXIMALISMO.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 AEL/IFCH/UNICAMP 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55

Instrução de fachada

O governo de S. Paulo reformou a lei da instrução. Mais uma reforma acrescentou a muitas anteriores e, se a questão da instrução para todos se resolveu a golpes de leis, decretos e artigos correctivos, já todos eram uns sabios da Grécia. O pior, porém, é que uma coisa é falar que se quer instrução e outra muito diferente é quer desejar, interesse ou possibilidade de proporcionar a todos que dela careçam.

Mas, a presente reforma está abaixo de tudo que se pudesse esperar, visto que vem preencher de vícios de origem que antecipadamente sabemos darão com ela em pleno fiasco, em elemento de imoralidade e de maior confusão nos domínios burocráticos da Instrução Estadual.

Em primeiro lugar, o período de dois anos que se estabeleceu, como bastando para o período de instrução obrigatória, é insuficiente e restrito de mais. Dois anos de escola para crianças que não sejam vantajosamente dotadas, muitas vezes, não chega nem para sair dos domínios da cartilha. E aquelas que consigam mesmo aprender a ler, escrevem, e contar nesse período de dois anos, acabam rão por esquecer o aprendido, visto que estão numa idade em que os brinquedos, os estouvamentos e os jogos empolgam e lhes merecem todas as preferências, não se lembrando dos livros desde que não tenham de ir à aula.

Mas, dirão: — Podem continuar a frequentar o curso pagando a taxa. Isto é uma sofisma. Eu o provo. Em primeiro lugar a lei não é uniforme. Precisamente para lhe tirar o caracter odioso que poderia comportar. Uma lei que não abrisse uma porta excesa para os que justificam a pobreza extrema, apresentaria um aspecto repugnante de lei clerical, de lei de classe e que viria provar mais uma vez a mil vezes comprovada, que quem é pobre não pode cumprir a instrução, e que por esse motivo não saem nunca do círculo da ignorancia mais completa.

Desta modo os filhos dos pobres não aproveitaram dessa suposta vantagem, mesmo porque para provar a sua pobreza é preciso uma porção de papelada, que custa dinheiro e que dá motivo a muita perda de tempo. Mas os remedios, os pedagos domerciantes, os funcionarios publicos e que beneficiarão dessa vantagem porque tem parentes, conhecidos e adeptos que por mutuas concessões e ajudas reciprocas facultarão mutuamente os papéis necessarios.

E não se diga que quem poder pagar se não negará, que isso não passa de afirmação gratuita. As necessidades são tantas e está tudo tão caro que o dinheiro nunca é de sobra! Depois, todo o mundo não se esforça por iludir o fisco, para não pagar as taxas?

Desenganem-se, desiludam-se. Todo esse barulho, todo essa canceira, toda essa discussão em volta da campanha contra o analfabetismo é simplesmente para a galera apreciar. A ideia restrita e acanhada de disseminar o conhecimento do alfabeto não basta e até pouco adianta para a aquisição e assimilação de conhecimentos. Uma pessoa que leva meia hora para assinar o seu nome, que em cada tres ou quatro palavras erra pelo menos duas quanto a pronuncia, porque, quanto ao significado, fica tudo nas sombras do desconhecido, essa pessoa póde ter validade e gabar-se, de não ser analfabeto, mas no fundo é duplamente analfabeto. Porque, quem não sabe nada, tem o bom senso de confessar a sua ignorancia e pelo menos é modesto. Ao passo que os semi-analfabetos falam de orgulho e metem piedade. E se ha tantos doutores, envernizados de ciencia, carregados de diplomas, que não passam de puros analfabetos, o quer pensar dos outros, dos autenticos, dos puros, dos legitimos?

Depois, convençam-se, todos desta verdade. A questão da instrução é mais coisa da contenda do que de continência. Se as pessoas se apoderam do aparelho da leitura, simplesmente, para lerem folhetins e Rocambolés dramas de faca e algarida, narrativas tragicas de homicídios e adulterios, a prosa chocha dos discursos e dos escritos dos politicos ou para lerem os Mandamentos da Liga Nacionalista, então, confessemos, é muito melhor desconhecermos o alfabeto, porque ficam firmes dessa epidemia da banalidade e da perversidade tola e jacobina que nos procura a todos embrutecer.

PINHO DE RIGA.

Em prol de E. Leuenroth

Afim de agarrar fundos com que possa fazer face ás despesas provenientes da missão a que se propoz, o Comité pró-Edgard Leuenroth tem-se reunido regularmente todas as semanas e desenvolvido extraordinaria actividade.

Na reunião que realizou ante-hontem, e que teve lugar na sede dos Graficos, resolveu levar a effeito nos ultimos dias do proximo mez de janeiro um grande festival, em cuja organização desde já estão tratando alguns membros do Comité.

Para que este festival corresponda aos fins a que se destina, deliberou enviar um apelo a todas as associações proletarias para que fiquem com bilhetes da festa e se

interessem pela passagem deles no meio dos seus associados.

Pela simpatia de que o ex-redactor d'«A Plebe», gosa entre os trabalhadores paulistas, que conhecem de sobra o esforço despendido a favor da organização obreira pelo nosso estimado camarada e o seu grande espirito de dedicação á causa de regeneração social, é de crer que dentro em breve esteja a lotação do Theatro Colombo, em que será realizado o festival, inteiramente vendida.

Na proxima segunda-feira, ás 8 horas da noite, realizar-se-á mais uma reunião do Comité, tendo lugar na sede da U. O. F. Tecidos, á rua Joly, 125.

Foram enviados convites a todas as associações proletarias desta capital, pedindo-lhes que que enviem um delegado a esta reunião para tomar parte nos trabalhos.

E' de esperar que correspondam a este apelo, bem como os camaradas que se interessam pela sorte de Edgard Leuenroth.

Centro de Estudos Sociais "Spartacus"

Pede-nos este Centro que façamos publico que a tombola de um quadro com o retrato do camarada Neno Vasco, que o Centro organizou em beneficio do camarada Edgard Leuenroth, será sortada na festa que em beneficio do mesmo camarada está sendo organizada para o Theatro Colombo.

Os mesmos camaradas entregaram-nos a quantia de 100\$, produto da mesma tombola, para serem entregues ao Comité Pró Edgard, ao qual, por nossa vez, fizemos entrega da quantia acima referida.

Uma boa iniciativa

Um punhado de camaradas acaba de lançar no capital da Republica a ideia de organizar um agrupamento libertario que denominará "JUVENUDE ANARQUISTA". Para esse fim os organizadores da nova agrupação acabam de enviar a todos os anarquistas a seguinte circular, que nos pedem publicquemos para conhecimento de todos os libertarios.

CIRCULAR

"Caro Camarada: Recebida como fol, com agrado, a ideia da fundação entre nós de uma "JUVENUDE ANARQUISTA", organismo que, como seu nome indica, congregará em seu seio os jovens anarquistas e terá por fim a propagação por todos os meios que se possam por em acção, das doutrinas anarquistas, convindo o camarada, por saber o significado idealista libertario, a comparecer no proximo domingo, 26 do corrente, ás 14 horas, á rua Senhor dos Passos, n. 3-A, (prolongamento), afim de se trocar ideias no sentido de levar avante a criação desse organismo revolucionario de que o nosso meio se recente, podendo fazer-se acompanhar de todos os jovens camaradas que tenham já firmado o seu criterio anarquico e que queiram contribuir para a execução dessa obra.

Esperamos a atenção do camarada. O sauda fraternalmente". A Comissão.

FOLHETO DE ATUALIDADE

Recomendado especialmente aos anarquistas MAXIMALISMO E ANARQUISMO

Com o titulo maximalismo e anarquismo, acaba de aparecer um folheto de 61 paginas, do camarada José T. Lorenzo. Neste folheto encontraremos um estudo clarissimo das doutrinas maximalistas e anarquistas. Neste estudo o autor transcreve XXXIV artigos principais da Republica russa dos soviets, dando a todos resposta do que fariam os anarquistas, para regular as mesmas relações, em regimen anarquista.

Recomendamos a todos a leitura deste folheto.

Os pedidos podem ser feitos a Cecilio Martins, ladeira Porto Geral, n. 9.

Acceptam-se pedidos pelo correio, devendo as importancias vir em selos, custaido a mais o valor do porte.

Um ano depois de expulso o Supremo Tribunal concede "habeas-corpus"

Se não fossemos anarquistas, bastaria o caso de que nos vamos ocupar para vencer-nos de que não póde haver justiça numa sociedade onde uns mandam e outros devem obedecer, e na qual os homens estão divididos em oprimididos e opressores, em escravos e senhores, em famintos e opulentos.

O caso de que nos vamos ocupar, é um desses casos vulgares a que todos os dias assistimos, os quais embora protegidos pelas leis revellam aos que alimentam aspirações de verdadeira justiça social.

Em fins do ano passado notou-se em todo o mundo um forte movimento de reivindicação em todas as classes operarias. Esses movimentos tinham a sua causa immediata na configuração da sociedade, naquilo que a vida economica europeia se collocou no rumo de um estado de penuria que obrigou a sacudir a passividade em que viviam para vir á praça publica defender a sua dignidade.

Os trabalhadores do Brasil não foram indiferentes a esses movimentos reivindicadores. Daí a agitação verificada entre as classes trabalhadoras de todo o país.

Tanto bastou para que os governantes desta republica democratica se assustassem e buscassem o poder governamental e as imunidades que gozam. No auge do desespero esqueceram as bases politicas que regem o país e com o maior autoritarismo os trabalhadores foram collocados fóra da lei.

Já não falamos das prisões dos cidadãos brasileiros que foram expulsos do territorio nacional; outros, estrangeiros, com mais de 20 anos de residencia, tambem foram expulsos. A fobia governamental não satisfiz com o que praticado este flagrante crime de abuso de autoridade, ainda se entendeu com os governos de Espanha e Portugal, afim de os encarcerarem ao apartarem aos respectivos países, e assim aconteceu, tendo sido presas algumas dezenas de companheiros, ao chegarem á Europa, sendo que alguns deles ainda continuam deterrados em Cabo Verde.

Ha alguns mezes o Supremo Tribunal Federal concedeu "habeas-corpus" a M. Perdigão porque este não vou ser brasileiro, facto este que o Tribunal só veio a reconhecer decorridos 14 mezes de prisão.

Agora o mesmo Tribunal acaba de conceder "habeas-corpus" ao operario Antonio Costa. Este operario está preso desde Outubro do ano passado, achando-se actualmente em Cabo Verde. Quatorze mezes de sofrimentos injustos e a prisão de um operario que não agorá é que os nossos tribunals reconheceram a injustiça!

Se algum vislumbre de dignidade ou de justiça houvesse nos ministros dos tribunals, poderiamos dizer que eles chamariam á responsabilidade as autoridades policias que com as suas informações falsas obrigam o Tribunal a dar sentenças tão iniquas.

Mas assim não acontecerá, o Ibralm e caterva podem continuar mentindo aos tribunals, porque estes tudo estão dispostos a aceitar, sempre que não vá de encontro aos interesses dos poderosos.

As camaradas Antonio Costa, desejamos pronto regresso ao seio de sua familia.

MALA DA EUROPA

A greve dos mineiros e a nacionalização das minas

Está annunciada para o dia 15 deste mez a greve geral dos mineiros na França. Não tem esse noticia causado a minima impressão sobre o publico francez, devido ao facto de possuir o país um "stock" de carvão que poderá fazer face a todas as necessidades durante um regular periodo de tempo.

As companhias, por seu lado, não têm mostrado interesse em negociar com os mineiros, de forma que si a greve rebentar efetivamente, terá uma longa duração.

Os mineiros francezes queixam-se de os ingleses não lhes haverem participado com antecedencia as suas intenções porque neste caso se poderia fazer a greve do carvão simultaneamente na Inglaterra e na França. Devido a isto os mineiros francezes não apresentarão as mesmas reivindicações que os ingleses apresentaram, apesar de ser esse o seu desejo.

Os mineiros ingleses não foram derrotados mas a sua victoria foi muito precaria.

Eles queriam o aumento de salario e a nacionalização das minas, com a obrigação de o preço do carvão não ser aumentado.

E alegavam que se isso possível porquanto a produção da ser aumentada. O governo e as companhias rejeitaram a nacionalização e concederam os dois schillings de aumento, com a condição de os operarios se comprometerem a fazer aumentar a produção. Estes retrucaram não lhes ser possível aceitar esse compromisso porque o aumento da produção só seria obtido por meio da administração das minas por uma comissão mixta de operarios representantes do governo e dos patrões — o que só com a nacionalização era possível. Como nem o governo nem as companhias admitiam a nacionalização, os operarios não poderiam tampouco comprometer-se a fazer aumentar a produção. Entalado neste dilema, o governo preferiu ceder mas com a declaração previa de que o aumento só subsistiria até o dia 1.º de Março vindouro. D'aqui até lá, uma comissão trã estudar si o aumento poderá ser mantido sem prejuizo para as companhias. Este accordo significa portanto uma trégua que terminará em Maio proximo.

Os mineiros francezes só podem aumen-

to de salario, na proporção do aumento do custo da vida de 1914 para cá. As companhias apelam para as cifras, prestam que os seus dividendos diminuiram e declaram não poder conceder o aumento. Os mineiros replicam que si os dividendos diminuiram é porque os processos de trabalho não foram aperfeiçoados.

Os mineiros francezes — segundo me declarou hontem o camarada Bartuel, secretario da Federação do Sub-Solo — preferem antes a participação na administração das minas do que o aumento dos salarios.

Si eles participassem da direcção das minas, tratariam de aperfeiçoar os metodos de trabalho e isso daria em resultado um aumento da produção individual e uma diminuição do esforço de cada mineiro.

A capacidade tecnica da burguezia está ficando de tal modo embotada que, si não for a tempo substituída pela dos trabalhadores, agravará de um modo desesperador a crise economica que a Humanidade atravessa. Deante da situação creada pela incompetencia e a ganancia da burguezia, o socialismo se apresenta como uma solução inevitavel. A nacionalização das minas e dos transportes, que agora ocupa nas reivindicações dos operarios o lugar que até pouco tempo ocupavam as oito horas de trabalho, é todavia um passo para a realização do socialismo prático, collocado a equal titulo que o Estado na direcção dessas industrias os trabalhadores se irão iniciando no mecanismo da organização economica da sociedade e finalizarão por transformal-a inteiramente á feição da concepção socialista.

Antonio Canellas.

Bruxellas, 12 de Novembro de 1920.

Depois de lerem «A Plebe» os camaradas devem passal-a adiante, para maior divulgação das ideias libertarias.

Que é a ação?

No meio das pessimas condições de vida do momento atual, parece que a ação se reduz, unica e exclusivamente, á pratica da violencia.

Mas, quem duvidará de que a violencia é, apenas, um acidente da ação?

Convencidos estamos de que a contenda social ha-de resolver-se, finalmente, por meio dum ato de força. Esse ato de força, ou como lhe queiram chamar, será a etape necessaria, fatal, ocasionada por todas as circunstancias da resistencia e por todos os anelos de renovação.

A ação continua duns e outros elementos em luta não faz senão preparar este momento. Sem ação não ha propaganda, não ha proselitismo, não ha desenvolvimento das ideias não ha vida. E é preciso viver. Neste ponto «parece-nos», que estamos todos de accordo.

Mas, estaremos, realmente? Que cada um fale por si.

Para nós, a ação compreende-se desde o simples ato de propaganda até á franca attitude de rebeldia. Atua, no sentido revolucionario, aquele que propaga as suas ideias de emancipação social, tanto pela palavra falada ou escrita, como pela sua conduta cheia de coerencia. Atua, no sentido revolucionario, todo o individuo que prescinde do padre e se subtrai ao juiz; o que se ergue resolutamente contra qualquer imposição do que manda ou do que paga, o que dá o grito de alarme, ou se cunda, as indispensaveis resistencias do explorado, contra o explorador; o que, enfim, com os seus atos, demonstra, como a bondade dos horiens é consequente com a bondade das ideias. A ação compreende, principalmente, todo o trabalho assiduo e tenaz, por silencioso que seja, no sentido de preparar, educar e instruir os povos na independencia, na igualdade e no mutuo respeito, mas essa instrução, essa educação e essa preparação devem ser feitas, sobretudo, com o exemplo. A evolução incessante do mundo social, não é, senão, o resultado desta ação difusa dos individuos e das multidões.

As apparencias poderão ás vezes, forjar illusões favoraveis as estereis algaraviadas, a inuteis desplantes, a declamatorios e apocaliticos sermões. Mas tudo isto passará rapidamente, talvez sem deixar rastro. O real, o positivo, crescerá, e desenvolver-se-á. E quando chegar á maturação, as revoluções estalam, quasi que inesperadamente.

Já sabemos que essas estereis algaraviadas, esses desplantes inuteis e esses apocaliticos sermões, são originados por condições fatais do lugar e do tempo, mas são tambem uma etape necessaria da revolução.

Aos homens, porém, que gostam do fundo das coisas, que vivem de realidades, convem-lhes, no emtanto, a ação firme, a ação que revolução profundamente as consciencias e os cerebros, a ação que desperte as vontades.

Tudo o que significa ação, até a propria violencia, é sempre, e diversamente, condicionado. Nem se póde impôr, em absoluto, a qualquer hora; nem se deve iludir em tempo algum.

Não renunciemos aos nossos temperamentos de energia. Não apaguemos, nem um apice á nossa tatica revolucionaria. Precisemos, contudo o nosso sentido da ação, que se reduz, não póde mesmo reduzir-se, a um procedimento unico.

Avancemos, pois, sempre, sem pôr escolhos no caminho de quem quer que seja. Mas avancemos sempre firmemente, abrindo novos sulcos, sem desfalecimentos e sem pressas, para que a revolução triunfe.

O jacobinismo é incompativel com o anarquismo. Os revolucionarios que lutam pela conquista do Poder, podem cultivar o motim, o golpe de Estado. Cultivemos nós a revolução fecunda, que ela nos redimirá de todas as violencias...

RICARDO MELA.



A GREVE DE SANTOS na Companhia Docas

Aumentam as violencias -- Um grupo de mulheres, solidarias com os grevistas, dão uma lição aos crumiros

Os grevistas cada vez mais firmes

Os trabalhadores que a Companhia improvisou no Rio e em S. Paulo não abandonam o trabalho porque não os deixam -- Excedem a 75 os navios que permanecem no caes esperando descarga!

Quinta-feira aparecerá mais um numero d' "A PLEBE"

Ha 26 dias que os operarios da Companhia Docas de Santos estão encapado numa luta desigual. De um lado a Companhia com as forcas governamentais e sua disposição: exercito, policia e marinha; do outro, os trabalhadores, perseguidos, tendo a contar unicamente com a força que lhe empresta a consciencia dos seus direitos.

Apesar da grande disparidade de condições, os operarios mantem-se firmes até este momento, não tendo retomado o trabalho um só dos trabalhadores que se declararam em greve.

Depois desta demonstração eloquente a consciencia que todos os operarios formam da greve, ainda haverá quem firme que o movimento é obra de agitadores, estranhos ao serviço da Companhia, como pretendia fazer crer o sr. Guilherme Gumie, quando dizia não receber officios dos grevistas porque as assinaturas não eram de operarios que tinham os nomes nos livros do ponto da companhia?

COMO PROCEDE A POLICIA

Os governos democraticos (e entre eles do Brasil), nas suas leis basicas estabelecem a equaldade perante a lei para todo e qualquer cidadão, o que nós, os burgueses, sempre contestamos em todos os tempos e em todas as occasiões, como nos momentos em que a ferocidade policial aconselha os mais atrevidos a ficar calados. Mas se os nossos argumentos não são bastante logicos e se quem põe em duvida as nossas afirmacoes é o procedimento dos governos geral e estadual que fazem esforços desperçados para obrigar os trabalhadores da Companhia Docas a trabalhar em condições de escravos, com os salarios e todos reconhecidos serem insuficientes a fazer face ás despesas indispensaveis de uma familia, por queçna que ja.

Contra uma attude legal, como é a da greve, os governos federal e do Estado, fizeram em movimento todos os seus aparelhos de repressão, como se uma invulgar angaria ameaçasse o país, com métodos barbaros e deshumanos de masores embriagados pela victoria, os laços proletarios são inválidos. Homens, mulheres e crianças arrancadas brutalmente de suas casas para depois de tonas estas vilanias, serem levados os homens para o carcere, de onde só poderão sair com a condição revoltante, de se trabalhar para a Companhia, senão de se encarcerarem e absolvição, que manda, escrutinariamente, dá ordens ao governo. Os que não querem sujeitar-se a esse trabalho estenuante, mal pago e aviltante, são atirados para o fundo de um carcere inferno, de onde sairá com o germe de tuberculose, graças ás privações e aos tratos por que o fazem passar.

Se os amigos dos presos recorrem á lei para obter a liberdade dos encarcerados, não há um delegado perfumado, que não se julga, dizendo não ser verdade os factos e tais indivíduos estão presos. E é tão raro ver esses delegados aproveitarem essas occasiões para caluniar os trabalhadores encarcerados, dizendo que não são presos, mas que são "agitadores", "vagabundos", "exploradores de operarios", "outras baleias semelhantes.

É isto, o tribunal, ou o juiz, negam o direito de "habeas-corpus", sob o fundamento calvo e irrisório de que não se podem presos tais indivíduos. E se a medida é descoberta, publica e escandalosamente, como no caso do operario Manuel Torres Tavira, isso não causa nenhuma perda no prestigio da autoridade policial que continuará impavidamente nos seus seus desatinos, nem a autoridade do Tribunal que julgou por informações mentirosas, arranhadas, quando muitos os jornais da oposição occuparam algumas linhas com o caso e os operarios continuaram encarcerados, até que a autoridade policial ainda calculando sob os seus tocos, o statuto de 24 de Fevereiro, embarcou os operarios com destino á Europa ou a qualquer Estado da União.

Estes factos, irresponsaveis, são rodeados de outros menos notorios, mas mais infames: operarios laçados como cães vagabundos pelas ruas e praças da cidade; operarios espancados nos postos policiais; operarios aviltados até ao ponto de serem obrigados a comer no chão, sem prato ou qualquer vasilha, que é substituída pelo

SOLIDARIEDADE

De todas as partes do país "A Plebe" tem recebido declarações de solidariedade para serem transmitidas aos camaradas do "Comitê Central da greve", por estas demonstrações de solidariedade vemos que o operariado brasileiro está completamente identificado com o movimento dos camaradas santistas; acompanhando-o com verdadeiro interesse.

CRUMIROS ENVENENADOS

O mesmo que acontece nos presidios, nos hospitais, nos quartéis ou em qualquer lugar onde os individuos estão com a sua individualidade anulada, onde a revolta é permanente, como a opressão que a greve da Companhia Docas organizou uma grande coesão que deveria fornecer oprimidos e descontentos trabalhadores, essa medida conforme se vê linhas abaixo, teve consequências funestas para os "fura-folha", consequências que revela o desleixo dos potentados pela vida dos que abandonam mesmo, nos momentos especiais como o que atravessamos neste momento e Companhia "Polvo" de Santos.

Por carta enviada á nossa redação por um operario que diz estar trabalhando obrigado pela policia, que já duas vezes lhe embargou os passos quando pretendia fugir, chega-nos interessantes informações.

Este trabalhador manda-nos um punhado de noticias tragi-comicas, do que está passando nos domínios das Docas:

Terça-feira todo o pessoal que escapou ao conflito, sangrento de segunda-feira, principiou a queixar-se depois do almoço de fortes dores de barriga. Era um espectáculo interessante, tragico e comico ao mesmo tempo. Chamado um medico o medico foi geral quando o facultativo deu o diagnóstico do doente que examinava dizendo que estava envenenado por bicarbonato de sodio. Verificou-se então que o encarregado de cozinhar havia recebido uma grande quantidade de bicarbonato de sodio, para adicionar aos condimentos, culinarios, com o cozinheiro pois depressa e fazer economia de farinha; o cozinheiro, que não sabia o efeito desta droga, carregou na dosagem, o que da então em consequencia um envenenamento geral!

O nosso informante diz que alguns dos envenenados foram removidos para o hospital de Beneficencia Portuguesa, onde supli que alguns tenham morrido.

MAIS TRABALHADORES QUE FOGEM

Desde o dia que chegaram á Santos os improvisados trabalhadores no Rio foram contratados não para furar a greve, mas sim com promessas de grandes salarios e garantias, ao verem que foram enganados, supondo que estavam num país livre, quiseram voltar para o Rio, o que não lhes foi permitido.

Obligados a trabalhar, guardados pela policia, esses homens procuram fugir ao trabalho, aproveitando para isto todas as occasiões.

Por este motivo todos os dias desaparecem alguns dos homens, com os quais a Companhia esperava normalizar o trabalho. Este fato tem originado varios conflitos entre trabalhadores e policia.

75 NAVIOS PERMANECEM NO PORTO

Os factos desmentem as mentiras que a imprensa de balcão está divulgando. Ha mais de 15 dias que a Companhia Docas possui seus orgaos de publicidade, apegos que o trabalho está regularizado, a estas "declarações fanfarrônicas, responde o comercio que protesta vendo as suas mercadorias estragadas, respondem tambem os 75 navios que estacionam no porto esperando que os verdadeiros trabalhadores retomem o trabalho.

SITUAÇÃO INALTERAVEL

Continua inalteravel a situação criada pela greve. A Companhia não cede e os operarios não voltam ao trabalho. Espera-se que antes do fim do mez as reclamações dos operarios serão atendidas, unico meio de voltar a cidade á sua calma habitual.

De todas as partes do país "A Plebe" tem recebido declarações de solidariedade para serem transmitidas aos camaradas do "Comitê Central da greve", por estas demonstrações de solidariedade vemos que o operariado brasileiro está completamente identificado com o movimento dos camaradas santistas; acompanhando-o com verdadeiro interesse.

UNIAO DOS OPERARIOS METALURGICOS

Com elevado numero de socios realizou a União dos Operarios Metalurgicos, no dia 19 de Janeiro, uma reunião de sessão geral, a qual deliberou sobre varias questões de grande importancia, entre as quais o movimento grevista em que estão empenhados os trabalhadores da Companhia Docas de Santos, resolvendo a proposito formular um protesto vemente contra as arbitrariedades da policia de Santos, sob as ordens do delegado Ibrahim, a serviço dos riscos da Docas. Ainda em referencia a este momento, o assunto ficou tambem resolvido fazer um apelo a todos que tenham conhecimento de atos de criminosidade praticados por metalurgicos na presente greve comunicando-os immediatamente á União, afim de que a organização possa aplicar o necessario correivo aos faltosos dos deveres de solidariedade.

Quinta-feira aparecerá mais um numero especial d' "A Plebe" dando noticias circunstanciadas do movimento da Docas de Santos

O desabrochar da rosa vermelha

Ha na multidão como que um transbordamento de alvoroço. As velhas fórmulas, que se usavam e fundia a loba fal dos legiões religiosos e sociais, estão quando se fossem de vidro, ao contacto do metal candente da ideia nova.

Nos perdidos na turba, de ha muito, buscamos o desabrochar dessa grande rosa vermelha que paira sobre o mundo e que é a consciencia coletiva, no endo rosa vermelha que paira sobre o mundo, de dia para dia, á proporção que a verdade penetra a massa escura e humilna os mais profundos recessos da Dor Anonima, da rua e da officina, da associação e do lar, da sargeta e da rotina do carcere e do hospital, admiramos convulsos a nova era que desmonta sob os seus olhos e inesperados aspectos.

E se, para nós, o reflexo e o som daquilo, que, até ha pouco era opaco e insonoro causa puzo, o que não despertava então na alma dos poucos insólitos que neste momento, no Brasil, olham para a emancipação humana, com olhos de vé?

Quem desconhece a fundo o movimento dos operarios da Companhia Docas sabe que já hoje é uma causa victoriosa. Alguns dias mais dessa resistencia insubornavel de que os trabalhadores tendendo á prova, e a poderosa empresa, a despeito dos seus "comunicados officina", a contra gosto, dos jornais collocados a seu serviço, será obrigada a chamar para o seu posto, e nas condições que lhes lhe ditarem, os trabalhadores que, justamente, resolveram pedir-lhe mais um doado de pão. Não ha logica que possa provar que mil vagabundos sejam capazes de fazer o trabalho de seis mil homens endurecidos na labuta diaria.

Os que dizem o contrario, mentem. E

a prova é que a situação se vai tornando cada vez mais intoleravel para o comercio e para o governo (que, seja dito de passagem, são uma e a mesma coisa).

Mas desta ou daquela forma, vencida ou vencedora, a greve de Santos vale por duas grandes afirmações que deverão encher de satisfação o proletariado consciente do Brasil. Primeiro, a sua duração, que já vai a um mez, é o sinal claro e inconfundível de que cada trabalhador que, a um gesto do sindicato, cruzam os braços diante da cólera mal contida do sr. Gumie, é um homem consciente dos seus direitos, e, portanto, está na senda da e mais justas e elevadas conquistas. Se

gundo, a demonstração das mulheres diante da desfachatez dos seus crumiros, é nova para o Brasil, é uma conquista, é um motivo de satisfação para os que amam o povo e esperam com ansia o seu despertar.

Em torno destes dois factos, ha uma apoteose de terror policial: homens caçados a lago, deportações, lutas inválidas, trabalhadores levados á força para os ergatulos das Docas. Tanto melhor, Cada injustica praticada assim, ante o calmo olhar das multidões, vale por um manifesto incendiario.

AFONSO SCHMIDT



Movimento operario d' "A PLEBE"

Em consequencia de extraordinarias dificuldades economicas encontradas em seu caminho, o Grupo Editor d' "A Plebe" foi obrigado, ha tempos, a cortar o ordenado dos que se occupavam exclusivamente na confecção desta folha, e a deixar todo o trabalho a cargo de um só camarada, que o tem feito nas horas que os seus afazeres e necessidades lhe permitem dedicar á propaganda.

Embora este camarada tenha sido até aqui ajudado por outros na espinhosa tarefa, a resolução tomada pelo Grupo Editor fez (que algumas seções d' "A Plebe", notadamente o "Movimento Operario", se ressentissem da modificação havida.

Todavia, contamos poder dentro em pouco vencer todas as dificuldades existentes, da forma que as circunstancias nos aconselhares.

Para que o "Movimento Operario" volte a ter um largo desenvolvimento, encarregou-se de o organizar o camarada MAXIMIANO RICARDO, a quem devem ser enviados todos os originaes destinados ao movimento operario, devendo ser dirigidos para a rua Claudino Pinto 19-A (officinas da Cooperativa Graphica Popular) onde será encontrado todos os dias.

UNIAO GERAL DOS TRABALHADORES

O organo federativo do proletariado paulista está desenvolvendo intensa atividade na sua obra de arrematamento e estreitamento dos laços de solidariedade entre os trabalhadores.

Ainda hontem, em reunião do Conselho Geral e da Comissão Federal, tomou varias deliberações de grande importancia.

Afim de prestar um auxilio aos operarios que em Santos se mantem em luta com a Companhia Docas e a policia, resolveu ajudar o grupo editor d' "A Plebe" para que esta folha seja publicada bi-semanalmente emquanto durar o actual movimento na vizinha cidade, e assim os trabalhadores da Docas tenham um jornal por onde se possam orientar e julgar da marcha dos acontecimentos.

Com esta medida visa a União Geral subtrair os grevistas á influencia da imprensa burgueza, e principalmente á de alguns jornaes que, dizendo-se amigos dos operarios, noticiam factos em desacordo com a verdade, e exercem em certos momentos uma forte ação depressiva no espirito dos trabalhadores em luta.

Resolveu ainda a União Geral tomar varias decisões relativamente á prestações de contas do festival realizado ha pouco no Parque S. Jorge, em beneficio d' "A Vanguarda" e sobre a proxima reunião da Cooperativa Graphica Popular.

Sindicato dos Canteiros de Itaquera

Recebemos deste sindicato uma lista de subscrição em favor do companheiro Albino de Oliveira.

Este velho militante do movimento operario, durante muito tempo foi o agente do nosso jornal em Itaquera, dando sempre provas de honestidade e dedicação pela causa que defendemos.

Ha tres mezes o companheiro Albino guarda o telto, seriamente enfermo, motivo porque os seus companheiros de trabalho organizaram listas de subscrição, com o fim de angariar recursos para que nada fizesse o companheiro enfermo. Uma dessas listas achou-se em nossa redação á disposição de quem queira socorrer o referido camarada.

Participam-nos os camaradas de Itaquera que das listas distribuidas em beneficio do companheiro Albino de Oliveira, que ha tres mezes guarda o telto enfermo, duas já lhe foram entregues, sendo uma a cargo do Sindicato dos Canteiros e Anexos das Padrelas de Itaquera, com á importancia de 72000, e a segunda, a cargo do Sindicato dos Canteiros de Cotia, com á importancia de 1000.

UNIAO DOS OPERARIOS METALURGICOS

Esta União comunica a todos os metalurgicos e ao proletariado organizado em geral, que foi riscado do quadro social o traidor Alfredo dos Santos Rabelo, o qual estava matriculado como electricista.

Apontamos ao desprezo dos trabalhadores o nome acima citado e o de Bernardino Pulz, este apresenta-se como ferreiro.

Os diols crumiros, a que nos referimus atualmente, estão trabalhando na Companhia Docas de Santos.

NA CASA ROCHA

Continua a boicoteagem da Casa Rocha. O mestre desta fabrica procura arranjar operarios, valendo-se de velhos traidores como um tipo abjecto que acode pelo nome de Garofalo.

Este individuo, depois de roubar o dinheiro do cofre da União, agora faz aliança com os industriais e com a policia para perseguir os militantes que não se curvam perante as imposições de uns e tampouco ante a perseguição dos outros.

A despeito de todas as medidas postas em pratica para regular o trabalho esta ainda não foi normalizado, e estamos certos de que o não será.

Os sapateiros de S. Paulo só voltarão á Casa Rocha depois que sejam atendidas todas as suas reclamações.

NO PARANA

Participa-nos da secretaria desta associação que, no dia 5 do corrente, foi empossada a sua nova comissão executiva.

A União Operaria do Paraná, tendo em conta os ensinamentos das organizações operarias de todo o mundo, rompeu com as velhas formulas autoritarias das diretorias burocraticas, e segue agora as ideias predominantes no 3.º Congresso Operario Brasileiro, passando, portanto, a sua vida social a ser administrada por uma simples comissão executiva.

A União Operaria do Paraná, os nossos protestos de solidariedade.

Agencia Lux

Fundou se na capital da Republica esta agencia, cujo principal ramo de commercio é a venda e edição de obras sociais, literarias e scientificas que correspondam ás exigencias dos tempos modernos.

Quem desejar obter catalogos dirija-se para a avenida Rio Branco, 173, 2.º andar (entrada pela rua Chile, 14), Rio de Janeiro.

Todos os livros e folhetos desta agencia são vendidos na nossa redação. Os pedidos devem ser feitos a Cecilio Martins.

Os pedidos para o interior, custar mais o valor do registro

54 53 52 51 50 49 48 47 46 45 44 43 42 41 40 39 38 37 36 35 34 33 32 31 30 29 28 27 26 25 24 23 22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Edgard Leuenroth

Recomeça a sua atividade na propaganda

Com profunda satisfação, damos hoje aos nossos leitores a agradável notícia de que o nosso companheiro Edgard, que há alguns meses tem estado doente, sendo mesmo obrigado a retirar-se de S. Paulo para Therzopolis, afim de poder restaurar a sua saúde abalada, acaba de recomeçar a sua atividade de propagandista revolucionário, o que quer dizer que o seu estado de saúde melhorou sendo, pois, de esperar que muito em breve o teremos ao nosso lado, batalhando pela causa da anarquia.

Edgard Leuenroth, sabedor de que um espartilhado qualquer andou pelo Estado de Minas e Estado do Rio, intitulando-se Edgard Leuenroth para conseguir dinheiro que dizia destinava à propaganda libertária, o que não passava de um conto de vigário, deliberou fazer uma visita a alguns Estados com o propósito de pôr os pontos nos li, deixando bem clara a diferença que há entre um apostolo das ideias de emancipação e um espartilhado sem envergadura que, valendo-se de um nome honrado, andou estorquindo dinheiro a ingenuos trabalhadores.

No dia 14 do corrente, o nosso companheiro chegou a Juiz de Fora, indo imediatamente à redação do jornal "A Tarde", que assim referiu a sua visita:

UM SAFARDANA DESMASCARADO
O verdadeiro Edgard Leuenroth acaba de chegar a Juiz de Fora e concede à "A Tarde" uma entrevista.

QUEM ERA O OUTRO

Há mezes, apareceu em Juiz de Fora, um sujeito metido, falando com desenvoltura e dizendo-se jornalista. Apresentava-se como Edgard Leuenroth, conhecido militante operário, diretor da extinta folha anti-clerical e de combate social "A Lanterna", que durante muitos anos se publicou em S. Paulo, e da "Plebina", periódico libertário que ainda aparece na capital paulista.

Esse tipo, que, como ave de arribação, andou pelo nosso Estado a praticar toda sorte de espertezas e patifarias, servindo-se do nome de um trabalhador honesto que, pela dedicação extrema aos seus princípios, tem sido por várias vezes vítima de perseguições, não passava de um vulgar "cavador" e como tal foi desmascarado.

Essa habilidade, o espartilhado que ha passava de boa fé, a quem restavam dúvidas sobre a identidade do "escroc". Podemos, porém, hoje, afirmar com segurança que o verdadeiro Edgard Leuenroth é bem outro, pois tivemos-o em nossa redação, logo após a chegada do rápido.

Venho fazer a minha visita aos colegas da "Tarde" e ao mesmo tempo aproveitar a oportunidade para esclarecer um equívoco alimentado por certo sujeito que aqui esteve a explorar os incautos, servindo-se de meu modesto nome, que prezo de ser honrado.

Ah! é então o sr. o verdadeiro? — Em carne e osso — responderam o nosso visitante, apresentando o seu cartão de visita e a carteira de identificação de sócio da Associação Brasileira de Imprensa.

Pois tem as colunas de "A Tarde" para pôr os pontos no "11".
Obrigado. Basta, entretanto, que os colegas digam aos leitores de seu prezado diário que Edgard Leuenroth nas duas décadas de sua vida de militante proletário jamais abusou de quem lhe dispensou a sua simpatia, mormente nos instantes difíceis da luta em prol da causa da justiça social.

Peco-lhe que transmita a todas as pessoas que foram vítimas de semelhante explorador as minhas excusas, por ter sido o meu nome a capa de que se serviu para a execução de seus planos abjetos. Da minha bondade dos colegas espero que registem os meus sinceros agradecimentos a todos quantos, em uma circunstância tão desastrosa para o meu nome, tiveram a intenção de me prestar o seu valioso apoio.

Será satisfeito. Diga-nos, porém, alguma coisa sobre o movimento proletário.
Fica para amanhã.
E saiu.

O mesmo jornal no dia 13, publicava a seguinte entrevista com Edgard, sobre o movimento proletário:
Aqui estou à disposição dos colegas para cumprir a promessa feita ontem — disse-nos o sr. Edgard Leuenroth ao entrar, logo pela manhã, em nossa tenda de trabalho.

Muito bem! Já sabe o que desejamos. Habilita-nos a fornecer aos leitores da "Tarde", alguns dados a propósito do movimento proletário de nossa terra. Diga-nos, para começar, quais são os fins da C. E. do 3.º C. O.

Perfeitamente. A. C. E. do 3.º C. O. foi criada pelo importante certamen obreiro do qual tirou o nome e que, de notável êxito, se realizou na capital da República no mês de abril p. p. com a participação da quasi totalidade das organizações dos trabalhadores do Brasil.

O seu fim principal é procurar estreitar as relações entre as agremiações dispersas por todo o país, firmando, por essa forma, os laços de solidariedade que a todos deve unir na peleja em prol da causa comum.

Incombe-lhe igualmente a tarefa de colher informações sobre tudo quanto se relacione com a vida da classe laboriosa, incrementar a obra de organização e orientar os trabalhadores na sua ação social.

sociativa, de acordo com as resoluções dos três Congressos Operários realizados em 1906, 1913 e no ano corrente. Em resumo, a C. E. do 3.º C. O. representa para o nosso operariado o mesmo que a Confederação Geral do Trabalho de Portugal representa para os trabalhadores do país lusitano.

O Congresso Operário de abril julgou mais acertado constituir essa comissão, em vez de reconstituir desde logo a Confederação Operária Brasileira, que existiu até dez anos atrás, por estar evidenciada a necessidade de trabalho preparatório, a que já me referi. O organismo confederal definitivo surgirá do congresso que se realizará em 1920, devendo, então, as suas bases representar um reflexo do ambiente proletário do nosso imenso país.

Como está sendo recebida a obra da comissão?

— Bem, não obstante termos de lutar com inúmeras dificuldades no nosso trabalho. Além da pressão constante dos elementos reacionários, que se faz sentir de mil formas, temos de vencer a indolência, a falta de espírito, de iniciativa e de espontaneidade em muitos pontos da nação, onde os bandeirantes da causa de justiça social ainda devem abrir as suas fileiras por entre a mátrada bravia... Apesar de tudo, caminha-se bem mais rapidamente do que muita gente julga.

— Mas, segundo parece, esse movimento está ainda muito circunscrito.

— Está em erro quem assim julga. O movimento proletário no Brasil não se circunscribe mais, como até há alguns anos, a S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Com satisfação podemos afirmar que não tem Estado em que, com maior ou menor intensidade, a massa trabalhadora não esteja interessada pela ação do sindicalismo?

— E em Minas?
— Este grande Estado não podia manter-se alheio a essa obra. Os trabalhadores mineiros, sujeitos como todos operários dos demais Estados e de todo o mundo às mesmas leis econômico-sociais que regem os destinos da vigente sociedade, vão sendo, pelo desenrolar dos acontecimentos, atraídos para o tablado da vida associativa.

Muitas são já as localidades onde existem sociedades obreiras. Em Juiz de Fora, o maior centro industrial do Estado, a Federação Operária, pelo que constatarei, caminha para a arrematamento de considerável população trabalhadora que aqui move-se a movimentar esses importantes centros de produção que aqui e ali surgem como o expoente da energia proletária.

Sentindo-se melhor de saúde, o nosso companheiro reencetou a sua obra, realizando algumas conferências nas sedes das associações operárias daquela importante cidade mineira.

Assim é que no dia 16, "A Batalha", jornal diário que se publica em Juiz de Fora publicava a seguinte nota na primeira página:

CONFERENCIA OPERARIA

Amanhã, às 7 horas da noite, na sede da Federação Operária Mineira, à rua Direita, o nosso talentoso colega de imprensa Edgard Leuenroth, diretor da "A Plebe", de S. Paulo, fará uma conferência sobre assuntos de palpitante interesse para as classes proletárias, de que tem sido um ardoroso e incansável defensor.

A entrada é franca, esperando a direção da Federação o comparecimento de todos os sócios.

O "Jornal do Commercio", do dia 17, publicava na sua primeira página, sob o título "Conferencia Operaria".
Perante numerosa assistência, realizou ontem o sr. Edgard Leuenroth, às 7 1/2 horas da noite, na sede da Federação Operária Mineira, sua anunciada conferência sobre "A questão operaria no Brasil".

Edgard Leuenroth ocupou a atenção do auditorio durante cerca de uma hora, discorrendo brilhantemente sobre o assunto de que se mostrou profundo conhecedor. O orador falava com facilidade e é um excelente conferencista.

O auditorio aplaudiu-o com calor e entusiasmo ao terminar sua bela peça.
Como se vê, pelas publicações transcritas, Edgard Leuenroth volta a ocupar o seu posto de destemido combatente.

"A Plebe" que a Edgard Leuenroth deve a vida, e que dele ainda muito espera, transmite com a maior satisfação esta boa notícia aos seus leitores, notícia esta que abrigará a todos que conhecem o nosso camarada e que almejam uma era de felicidade e paz social.

A Edgard Leuenroth o nosso abraço de leais amigos.

Grupo Dramatico "Joaquim Dicenta"

Grande festival em benefício de uma entidade de educação, a realizar-se no dia 25 de dezembro, às 8 1/2 horas da noite, no salão Celeso Garcia, à rua do Carmo, n. 23.

PROGRAMMA

- 1.ª parte — Sinfonia pela orquestra.
- 2.ª parte — Será levado à scena o emocionante drama em 3 atos, "Aurora" em prosa, original do insigne dramaturgo Joaquim Dicenta.
- 3.ª parte — Hillarizante comédia em um ato.
- 4.ª parte — Quermesse e baile familiar.

Anarquismo e maximalismo

Nunca as doutrinas anarquistas estiveram tão ameaçadas como o estão no presente momento histórico.

Não é a reação capitalista ou governamental o que neste momento nos ameaça, mas sim a possibilidade que se nos apresenta de serem confundidas as doutrinas anarquistas com doutrinas autoritárias e governamentalistas.

Este fenômeno de sociologia, observa-se em todos os países do mundo, após a guerra. Aqui no Brasil, onde nunca houve marxistas, também apareceram, nestes últimos tempos, amarradas que, dissendo-se anarquistas, mas fervorosos adeptos da revolução russa, levaram a sua bandeira de apoio ao bolchevismo, mesmo tendo que declarar guerras aos que, sendo anarquistas e desconfiando esta nova modalidade de se lutar pela sua revolução social, não se colocando na defesa dum partido desorganizado, mas combatendo todos os partidos governamentalistas.

Para justificar estes desvios, esses camaradas dizem que os anarquistas atacamos a revolução russa, o que não é verdade. Nunca atacamos a revolução russa, mas sim o regime governamentalista que se batia pela sua revolução social, não se colocando na defesa dum partido desorganizado, mas combatendo todos os partidos governamentalistas.

Para justificar estes desvios, esses camaradas dizem que os anarquistas atacamos a revolução russa, o que não é verdade. Nunca atacamos a revolução russa, mas sim o regime governamentalista que se batia pela sua revolução social, não se colocando na defesa dum partido desorganizado, mas combatendo todos os partidos governamentalistas.

Confundir, porém, bolchevismo ou governo de Lenin com revolução russa, é o que nos parece pouco honesto.

A propósito deste assunto, os camaradas portugueses também discutem neste momento a atitude destas duas correntes de anarquistas "Comuna", o conhecido periódico anarquista do Porto, publica um artigo, com o qual estamos de pleno acordo. Transcrevendo-o nas nossas colunas, cremos contribuir para desfazer lamentáveis confusões, por isto esperamos que todos os bem intencionados o leiam e aproveitem os seus ensinamentos:

"Falar duma dissidência marxista do anarquismo, ou o que vale o mesmo, duma máxime anarquista, equivale a falar duma alguma coisa de bizarro e de original admissível apenas neste risonho país de operária. Um anarquismo-marxista, partidário da ditadura da classe proletária, deve ser coisa semelhante a um melão-melancia, a uma pera-batata, a um pepino-mate ou ao vinho que certos taberneiros vendem — vinho, salvo seja, tal nome e sem paralisar. Interpretação filosófica da complexa fenomenologia social, inspirada na liberdade e pela liberdade, que combate toda a sua força vital da apreensão da realidade fundamental, o progresso está na razão direta da liberdade e verdadeiramente só progredem os povos que se libertam. Aqui se deduz que todos os que se rebelam a um aniquilamento da autoridade, demais em mais batida pela crítica implacável dos pensadores e pela audácia heroica dos mártires, importando logicamente a supressão de todas as tiranias e o escalpo de todos os dogmas. A autoridade encontrou a sua fórmula suprema no poder absoluto dos monarcas, e mais remotamente, na onipotência do patriarcado israelita e do patriarcado Romano.

Nesses tempos distantes era o Rei o expoente máximo da "vontade" dos povos. Mais: era a síntese dessa vontade. Sobre a multidão abulada dos vassallos imperava o arbítrio do poder real. Era o Rei quem guiava as almas e era o Rei quem levava pelos corpos, e não é preciso remontar às ideias bíblicas para constatar esta estranha unidade das mãos dum só homem, do poder político e do poder religioso.

Mas a autoridade fragmenta-se. Na sua marcha sangrenta para um novo mundo a humanidade lutou incessantemente, numa azafama gloriosa e é assim que ao poder arbitrário e violento dos Reis sucede a irresponsabilidade pavorosa das democracias — com a soberania do parlamento. Uma colmeia de pequenos reinos, todos despidos de grandezas e de ideais, representa perfeitamente a mediocridade soberla da sociedade que os tolera. Mas o soberano já não é um só. Os poderes já se não concentram nas mãos dum único homem. O mando fragmenta-se e passa-se das mãos dos indivíduos para a abstração dos institutos. E o poder executivo, o poder legislativo, o poder judicial — uma série de burocracias que os homens toleram por ignorância, mas que representam, individualmente, um progresso das ideias libertárias.

As grandes noções éticas e políticas que dirigem a sociedade passam, com o advento das democracias a ser monopolizadas pelos Estados dos seus órgãos privados. E o Estado, representante supremo da soberania popular, ao Estado — Deus-Vivo, como dizia Hegel — que compete decidir do que é justo e do que é injusto, do que é bom e do que é mau, do que é legítimo e do que não é legítimo, o conquanto seja para irritar esta constante intervenção do Estado — que é uma emanção da nossa força... — em todos os atos da vida social não é menos verdade que a divisão de poderes significa de qualquer modo uma diminuição de prestígio para a autoridade, obrigada, por isso mesmo que não é uma, a contradizer-se, quando não a entrar em conflito consigo mesma.

Ora o anarquismo registando esta lei fundamental da evolução das sociedades, vai haurir toda a sua força e todo o seu prestígio a esta concepção libertária do progresso. Os anarquistas são partidários da mais absoluta liberdade, e não-no porque não ignoram que todo o mal vem do regime de coação moral ou física, que engravam e dificultam a marcha dos povos.

Se anarquia significa ausência com respeito de todo o governo é evidente que os anarquistas só podem lutar e trabalhar pelo advento de uma sociedade onde a verdade de cada um esteja plenamente assegurada. Mas, e ao contrário do que a lógica parece ensinar, apareceram nos últimos tempos alguns camaradas que, continuando a dizer-se anarquistas, fa-

ziam — o fazem ainda — a mais intensa apologia dos combatidos e desacreditados métodos marxistas. A isto chamam alguns "uma dissidência da família libertária".

Muito à boa paz, que as substanciais e não caras e as energias não são consumidas, sempre dissemos que não conseguimos compreender, de certo por insuficiência de intelecto, o que significa aquela coisa de "dissidência marxista do anarquismo". Sabemos que o anarquismo não é essencialmente comunista. Nisto, como em muitas outras coisas, estamos com o professor alemão Eitvacher. "Se o anarquismo fosse necessariamente comunista, as doutrinas de Bakunin, Proudhon, Stirner, Eschkinine, Tolstói e todas as outras que consideradas anarquistas, negam a propriedade sob todas as formas, até mesmo a da propriedade comum, não podiam chamar-se anarquistas... nem as doutrinas de Kropotkine e tantos outros que preveem mas não impõem o comunismo, se podiam chamar anarquistas". Sim, o anarquismo tem as suas modalidades, as suas correntes, as suas nuances. Nunca dissemos o contrário. Mas as doutrinas nuancas do anarquismo, ou se tratam do federalismo de Proudhon, do individualismo de Stirner ou ainda do comunismo de Kropotkine conservam, a prendel-os no mesmo ramo original, a base libertária que lhes é comum e sem a qual poderiam ser tudo — menos anarquistas.

Não sucede o mesmo com o marxismo, por mais "néo" que este se afirme, e não sucede assim porque o marxismo, em si, não se interessa da sociedade, novo ídolo substituído os derrancados ídolos do passado, acima dos interesses do indivíduo. Enquanto que nós, inimigos irreductíveis de todo o monismo, aspiramos a que cada homem seja o criador da sua moral e o senhor da sua vontade, certos de que dessa ampla liberdade só bens resultarão para todos, os marxistas pretendem limitar os homens a uma estreita concepção social, arvorando novos ams, que serão os futuros diretores da consciência, ainda nebulosa, das multidões...

Compreende-se que não pode haver dissidência onde nunca houve acordo, mais leve sinal de inteligência, sequer. Enquanto que o marxismo corresponde ao período hierático das abstrações sociológicas, pesadas e artificiais — o Capital sendo uma utopia maior que a Utopia de Tomaz Morus — o anarquismo, mais livre de sensibilidade do que produto da inteligência, é o substratum mesmo da alma rebelde dos trabalhadores. Se um, diz liberdade — o outro pede autoridade. Se um vê todo o progresso na eliminação do Estado — o outro conta com este mesmo Estado para redimir a humanidade. Anarquismo e marxismo são termos que se repelen, que se hridem, que não ligam. Há anarquistas que defendem a ditadura do proletariado? A guarda vermelha? O parlamentarismo Serietico? I haverá; mas isso não prova que haja uma dissidência marxista no anarquismo, isso significa quando muito que o numero de nervos é infinito — "ad estultorum infinitum est".

E' mau latim, mas serve..."

Um apelo

Ha alguns numeros que "A Plebe" vem procurando pôr os libertarios em guaria contra a possibilidade do governo dos soviets, vir a tornar-se conservador, tendencia propria a todos os governos.

Neste sentido, temos publicado varios documentos que nos parecem fidedignos, provando que as tendencias reacionarias estão assentando os seus arraiais na Russia bolchevista.

Sobre este doloroso acontecimento, pedem-nos os camaradas d' "O Sindicalista", de Porto Alegre, a publicação do seguinte:

Apelo a todos os socialistas do mundo!

Pedro Kropotkine ameaçado de morrer de fome!

Como nos comunicam de fonte serissima, encontra-se atualmente numa situação miserissima e lamentabilissima, na Russia dos soviets, o nosso velho camarada Pedro Kropotkine. Ele, que renunciou à toda sua fortuna e sua alta posição, para dedicar-se exclusivamente à causa dos trabalhadores, da humanidade oprimida e sofredora, passa frio e fome, anda maltrapilho e doente, faltam-lhe o vestuário e o alimento! O governo russo negou-se a conceder passaporte a ele e à sua filha Sashka, isto é: foi-lhe vedada a saída da Russia. Si não se auxilia imediatamente ao camarada Pedro Kropotkine, ele morrerá de fome e de frio durante este inverno rigoroso na Russia! Isto não deve e não pôde acontecer! E' nosso dever, camaradas, auxiliar-o e já, sem perda de tempo! Os camaradas da Espanha e da Suecia tentem, por todos os meios, enviar-lhe alimentos; oxalá que a cruz vermelha os auxilie.

E, demais, é dever de todos os trabalhadores conscientes do mundo exigir do atual governo russo a permissão de deixar Pedro Kropotkine embarcar para a Suíça, e lá poder recuperar novamente a sua saúde. Seria uma brutalidade inconcebível não conceder passaporte a este valeroso camarada, que já conta a idade avançada de 78 anos e que tem prestado inumeros serviços à humanidade sofredora e oprimida, — negar-lhe tudo e perseguir-o pelo unico fato de Kropotkine ser inimigo irreductivel da ditadura e, portanto, adversario de J. Stalin.

Tudo e qualquer auxilio em dinheiro PRO' KROPOTKINE envie-se ao camarada Frederico Kniesedl, rua Traidentes n. 19, Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

(Aos nossos colegas da imprensa proletaria pedimos divulgar este apelo).

Tombola em beneficio d' "A Plebe"

O Grupo Libertario "Os Revoltados" participa a todos os anarquistas e libertarios que, com o fim de iniciar uma verdadeira offensiva ao deficit do nosso jornal, acaba de organizar uma tombola em beneficio d' "A Plebe", cujo sortio terá logar na festa que o Centro Juventude do Futuro está organizando para o mesmo fim e que deve realizar-se em janeiro proximo.

Na tombola do Grupo "Os Revoltados", será sorteado um bellissimo quadro de 70 x 60 centimetros, verdadeiro trabalho de arte, entalhado gratuitamente pelo companheiro Eugenio C.

No quadro o retrato do velho camarada Errico Malatesta, justamente venerado pela sua obra grandiosa, que atualmente sofre os horrores do carcere.

Que outros grupos e camaradas imitem o gesto do Grupo "Os Revoltados", e não só "A Plebe" licará livre do deficit que a vem dificultando ha varios mezes, como poderá iniciar a sua publicação regular duas vezes por semana, o que está sendo uma necessidade urgente como o presente movimento da Companhia Doca de Santos o demonstrou.

Para que "A Plebe" continue sendo publicada ás quinta-feiras e aos sabados, devem convergir as iniciativas de todos os anarquistas de S. Paulo.

NOSSO BALANCETE

ENTRADAS	
Vendas Avulsas	
Em S. Paulo n. 94	735000
Em S. Paulo n. 95	725000
Avulsos	25000
PACOTES	
Grupo "Neno Vasco" n. 95	95000
Grupo "Os Revoltados" n. 95	10000
Diversos em S. Paulo n. 95	205000
A. Alencar (Barretos)	33300
A. de Pinho (Petropolis)	35000
R. Reis (S. Paulo)	25000
Lino (S. Paulo)	15000
Zaneta (S. Paulo)	18000
A. Marota (Campinas)	305000
Grupo "Neno Vasco" n. 96	35000
Diversos (S. Paulo)	25000
ASSIGNATURAS	
João Poli	25000
Fernando Aiola	25000
SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA	
E. Marinho (Bahia)	245000
A. Barreira (R. Pires)	85000
RIFA	
Extração Portuguesa (Por conta, 2.ª vez)	1005000
	3645000
DESPESAS	
Deficit anterior	7775000
Feitura do n. 95	2205000
Desenchos n. 95	175000
Carreto	55000
Alunas do n. 96	1350000
Fundo redação e administração	58200
Jornais Red.	48200
Sacos para encapados	58200
Selos n. 95 e 96	118000
Tapachos n. 96	105000
Carreto n. 96	58000
	11965300
RESUMO	
Entradas	3645000
Despesas	11965300
Deficit	8320300

AEL/IECH/UNICAMP 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54